



## Sou Tupinikm, não sou o que você quer que eu seja

Jocelino Quiezza Tupinikim  
kaarondara@bol.com.br

Cresci como criança de pé de velho, ouvindo atentamente todas as histórias, vivências e trajetórias dos meus antepassados, seja dos meus avós, ou dos variados e respeitados anciãos da aldeia de Caieiras Velha. Aldeia esta, onde cresci, correndo pelas ruas, caminhos, capoeiras e o que restou das matas, fazendo armadilhas de caça, pescando nos brejos, lagos, lagoas e rios. Coletando materiais com o meu avô para fazer samburá, esteira, juquiá, remo, gamela, cumbuca, gancho e muitos outros, memórias que somam a uma identidade cultural e tradicional de meu povo. Foram nestas rodas de conversas que obtive a minha primeira formação, e foram elas que me despertaram a querer saber cada vez mais a história do meu povo e a lutar pelo direito de continuar a existir, resistindo todas as formas de preconceitos e mazelas que estão impregnados na sociedade. Foi aos pés dos mais velhos, que me foi acendido uma chama, que queima por justiça social de querer ver meu povo crescer e prosperar, acredito ainda, que esta seja a vontade do Criador.

Sou, Jocelino da Silveira Quiezza, sou Tupinikim, liderança indígena na comunidade de Caieiras Velha há 20 anos, educador indígena e desenvolvedor cultural do meu povo. Confesso, que ser liderança não é uma opção, acredito que nasci líder, sendo que toda a minha trajetória de vida contribuiu e contribui para esta formação. Sou e estou em constante formação, nessa arte de educar, ser educado e liderar.

Que as nossas buscas e nossas atitudes venham despertar nas nossas crianças, adolescente e jovens à vontade de lutar por dias melhores, dias estes, que não seremos reconhecidos como indígenas pelo uso dos nossos cocares, colares, pinturas ou trajes, mas que entendam, que **primeiro somos**, e se usamos tais adornos é porque isso faz parte de uma herança cultural e tradicional de nossos ancestrais. Nossos adornos e pinturas corporais nos fortalecem nas nossas lutas, nos embelezam nas nossas festas, nos camuflam nas nossas guerras e caçadas, nos protegem nos nossos lutos, nos aguerriam nas nossas fraquezas, nos impulsionam nas nossas retomadas. O que nos faz

ser pertencente ao povo Tupinikim não são os adornos e pinturas que usamos, saibam que usamos e possuímos isso, porque somos Tupinikim.

Ainda quero que saibam, que não são os meus cabelos, a cor dos meus olhos ou o seu formato e a cor da minha pele que define quem sou. Não somos o desenho do livro didático, a imagens de uma reportagem, o texto romântico de um escritor ou as ilustrações fotográficas de uma revista. Que produz na visão da grande massa, um sujeito estereotipado, dentro de uma caixinha, quase sempre visto por um olhar limitado. Somos parte dos povos dos primeiros contatos com os invasores, que tiveram suas aldeias queimadas e destruídas, além de seus filhos, filhas e mulheres roubados, abusados, estuprados, mortos...Quer saber a verdade? Somos a sobrevivência, a existência, a prova da resistência destes mais de 521 anos de invasão, imposição, usurpação e negação.

De fato, não cabemos em nenhum quadrado criado ou manipulado, não! Claro que não! Isso, porque não fomos inventados, somos reais, sempre fomos, sempre estivemos aqui, ainda que criando estratégias para resistir a todos os processos desumanos, vividos ao longo dos séculos pelos diversos governos que se estabeleceram neste país. Nunca deixaremos de **Ser**. Somos os Tupinikim, obrigados a falar o português, língua imposta, a ferro e fogo. E isso não é uma invenção, são fatos vividos e sustentados na oralidade de um povo marcado por sua história de luta e negação.

Que a cada dia, possamos crescer como árvores, que geram bons frutos com sementes valorosas, aptas a serem semeadas e plantadas em terrenos férteis, estas que gerarão muitas outras árvores e que darão muitos e muitos frutos. Despertados para este novo tempo, sem perder a identidade de quem somos. Nós somos o povo Tupinikim.

Não precisamos viver como no passado para provar que somos povos indígenas, mas precisamos nos lembrar deste passado, valorizando nossas histórias e vivências para não perdermos as referências de quem somos. E a partir daí, projetarmos para frente, valorizando as nossas histórias, saberes tradicionais, memórias e vivências, como uma flecha que para ser projetada para frente, necessita do arco que busca força e impulso em sua retração, este que ao ser puxado para trás e quanto mais atrás, mais para frente a flecha se projeta.

Avareté



É sempre bom lembrar, que o ter não é o que nos faz ser. Primeiro somos, o ter é a consequência da nossa busca, dedicação, estudo, esforço, trabalho e conquistas. E não estou falando de meritocracia. Que não venhamos permitir, sermos confundidos com o que temos. O **Ter** não pode nos desqualificar ou nos descaracterizar como povo indígena, e isso precisa ser entendido por todos.

Ser indígena neste tempo, é ter a coragem de se impor com a cabeça erguida, reconhecendo a história, com as suas imposições e negações, dos mais de 521 anos de invasão dos nossos territórios. Da hipocrisia de uma história de descobrimento inventada, sem detalhes e escrúpulos, em prol de um capitalismo desenvolvimentista, que só nos atrasa como seres humanos. Nos colocando em uma grande jaula, onde só sobrevive quem conseguir comer da carne do outro, fazendo-o de escravo, limitando as possibilidades de seu crescimento, tirando o direito de poder crescer ou ter.

São essas representações que nos desqualificam, produzindo na mente da grande massa, o preconceito estrutural da classe majoritária, impondo a todos um pensamento de crenças limitantes, que aprisionam o indivíduo em um único ideal, amputando a produção de sonhos e diferenças. Que possamos aprender, que não é porque nossos pais ou avós foram, que temos que ser também. Podemos, sim, podemos mudar esta trajetória, construindo em nós mesmos, novos saberes, novas possibilidades, olhando além daquilo que nos foi posto como limites, pois se pararmos para pensar de fato, deveríamos olhar para o céu e tentar buscar nele o nosso limite. E só aí, daremos conta, que, de fato, não há limites, se queremos, podemos, basta acreditarmos. É claro, que muitos serão os desafios, principalmente as crenças que nos foram impregnadas durante toda a nossa criação, mas, cabe a nós lutarmos contra estas crenças que nos limitam, redirecionando nossos pensamentos para o lugar certo. Construindo o novo e despertando para as conquistas.

Que a cada dia, possamos nos reconhecer como seres capazes de ir além do lugar que já chegamos. Compreendendo que somos e estamos aptos a conquistar, sem perder nossa identidade. Como povos indígenas, hoje somos artesãos, pescadores e caçadores natos, continuamos produzindo nossas farinhas, beijus e tapiocas, somos produtores agrícolas, criadores e coletores, pais, mães, filhos, possuidores de uma

poderosa narrativa que atravessam gerações e gerações por meio da oralidade, construindo verdadeiras estruturas culturais e tradicionais para a nossa autoafirmação identitária. Também somos pedreiros, carpinteiros, eletricitas, soldadores, cozinheiros, jardineiros, armadores, motoristas, cuidadores, vendedores, empreendedores, professores, enfermeiros, dentistas, advogados, nutricionistas, assistentes sociais, terapeutas familiares, agentes de saúde, médicos, engenheiros florestais, engenheiros agrícolas, engenheiros mecânicos, psicólogos, biólogos, graduados e pós-graduados, mestres e doutores. Contudo, nada disso pode mudar ou diminuir o nosso pertencimento, porque nascemos, crescemos, nos casamos, geramos nossos filhos e filhas, envelhecemos como **Tupinikim**, e é assim que morremos, como **Tupinikim**.

Os nossos cantos e as nossas danças narram as nossas histórias e trajetórias, sejam elas de lutas, romances, saudades, plantios, pescarias e caçadas. Nossas batidas de tambores nas noites de lua cheia, ecoam por toda aldeia como um sopro que sussurra aos nossos ouvidos, como um chamado, pulsando em nós a nossa ancestralidade enquanto povo Tupinikim. A cada batido pulsa em nós a força de um povo que grita e agradece ao criador por permanecer resistindo e existindo. Os sons que nos impulsionam a cantar e a dançar as nossas danças de guerra, de luta, de resistência, dança esta que a cada batida dos pés no chão, nos faz lembrar a força da nossa tradição, do nosso pertencimento, sem nos deixar cair no esquecimento, fortalecendo a cada ecoar a nossa ancestralidade como pertencente da grande **Nação Tupinikim**.

Avareté